

EXPERIÊNCIAS BILÍNGÜES DE ANALIA

Juliane Sachser Angnes*

Franciele Mota**

RESUMO: Este artigo busca refletir acerca de uma experiência bilíngüe, tratando-se de um bilingüismo considerado marginal dado que uma das línguas do repertório deste sujeito não tem status mais “alto”. Por outro lado, a língua da família é marcadamente de base rural o que, igualmente, não lhe confere, da mesma forma, um status relevante. Parte-se de um relato inicial, seguido de uma contextualização e finalizando com uma reflexão de base teórica.

PALAVRAS-CHAVE: bilingüismo; diglossia; falar rural.

BILINGUAL EXPERIENCE OF ANALIA

This article aims to think about a bilingual experience, considered an ordinary bilingualism, as one of the languages spoken by the person does not have a high status. Furthermore, the family language is marked by a rural basis, what does not grant it an important status as well. The article presents initially an account which is followed by a contextualization, and finally a reflection on theory basis.

KEY WORDS: bilingualism; diglossic; language rural basis.

1. Reconstruindo uma História Bilíngüe: o caso Analia²

Este relato introdutório situa uma forte questão de identidade deste sujeito de pesquisa, alguém que, embora tivesse como país, “imigrantes brasileiros”, identificara-se desde cedo com uma outra língua que, para ela, não é outra. É também sua língua, assim como a língua de sua família.

Vale trazer aspectos sociolingüísticos do cenário paraguaio para melhor entendimento do leitor. O Paraguai é um país bilíngüe (espanhol/guarani) o que, para os paraguaios e outros “imigrantes” residentes no país, não causa surpresa nem qualquer tipo de estranheza. Isto porque, ser bilíngüe é “natural”,

* Acadêmica do Curso de Pós-Graduação *Strictu Senso* – Mestrado em Letras: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, sob a orientação da Profª. Drª. Maria Ceres Pereira.

** Nome fictício da acadêmica do Curso de Letras VIZIVALI. Este nome fora escolhido pela aluna que justificou ser este um nome *típico de meninas paraguaias* e, desta forma, explicita questões de identidade.

Endereço: R. Universitária, 1619, Jd. Universitário - Cascavel - Paraná - Brasil; 85819090.

é regra e não exceção. Por não haver esta discussão, as pessoas não conhecem o sentido da palavra bilingüe e, talvez não se “sintam bilingües”. Em consequência disto, Analia somente se viu como bilingüe ao retornar ao Brasil, quando passou a ter um contato maior e somente com o português. Neste momento, sentiu a diferença e por fazer a troca de código, do português para o espanhol, foi discriminada. Porém, sua maior dificuldade era/é o português escrito, porque até então só teve contato com o espanhol escrito. Um agravante na vida escolar de Analia ocorreu ao voltar para o Brasil, pois, foi direto para a graduação de Letras português/inglês/espanhol, e percebeu que, no curso de letras, o espanhol é estudado como língua estrangeira e o português como língua materna. No Paraguai, sua experiência se dera ao contrário, o espanhol era estudado e tratado como língua materna e o português desconsiderado, visto que, somente, ocorria em contextos restritos, como se poderá ver na seqüência deste artigo, principalmente, via oral, com a família. Isto dificultava, sobremaneira, a aprendizagem do português para Analia.

Outro agravante tem-se colocado em seu contexto formal de formação superior em relação ao seu “espanhol”. O problema a enfrentar é que o espanhol de Analia é do Paraguai. E isto se relaciona ao jogo de imagens que as pessoas vão construindo ao longo de suas vidas. Como exemplo, as pessoas falam que o “Paraguai é um país sujo”, desorganizado, que as pessoas são analfabetas e sem cultura. Um país de “bugres” que só sabem tomar “tererê”.

O Paraguai não se restringe apenas a “Ciudad Del Este”, contudo, apesar desta imagem negativa que Ciudad Del Este provoca, há vários pontos a serem ponderados nestas relações. Por exemplo, a imagem formada de “país sujo” formou-se através do portal de acesso ao país: Ciudad Del Este. Nesta há muito turismo e, de certa forma, pode-se dizer que um turismo desorganizado, pois, a maioria das pessoas, que para lá se deslocam, têm um objetivo específico: comprar produtos importados. São os chamados “sacoleiros” que chegam em comboios de ônibus de turismo e o tempo de que dispõem é exíguo, o que os leva a terem que fazer com rapidez suas compras e a retornarem em seguida às suas cidades de origem. Não estão preocupados com a higiene e, desta forma e dada a pressa, fazem lanches em carrinhos dispostos pelas ruas jogando restos e latas pelas ruas. A sujeira vai acumulando-se e, de fato, esta impressão “vendida” nesta primeira cidade estende-se para todo o país. A generalização leva à construção desta imagem equivocada. Por outro lado, falar de cultura implica discutir-se o conceito de cultura, o que não cabe nesse momento. Todavia, o que se coloca em termos de cultura nesses julgamentos é o saber letrado. É dizer, em outras palavras, que o índice de escolarização é satisfatório. Assim, em conformidade com o senso de 2002, o Paraguai tinha 6,3% de analfabetos, enquanto que no Brasil tinha 16,4%. De acordo com este senso e estes dados comparativos, o Paraguai

está melhor colocado do que o Brasil, cujo discurso é o de ser “melhor e mais desenvolvido”.

Estes jogos de imagem provocam sentimentos controversos em Analia, pois morou no Paraguai dezenove anos, identificando-se como paraguaia e tendo o espanhol como língua do coração, o Brasil, apesar de ser a terra onde nasceu, a terra de seus pais, para ela, em termos de referência, era apenas o lugar de cidades bonitas, muito movimentadas e o português falado era útil em momentos de visitas a parentes no Brasil.

Ao retornar ao Brasil, veio com *um grande* objetivo, dar aulas de espanhol, porém, não foi e não está sendo fácil para ela conseguir uma vaga como professora de espanhol, porque ao sair em busca de trabalho encontra dificuldades.

Há vinte dois países hispano-falantes, porém, o espanhol prestigiado é o da Espanha; sendo assim, o espanhol dos hispano-americanos é considerado como “língua minoritária”. Diante desse problema, encontra-se Analia porque, muitos brasileiros, ao descobrirem que o espanhol falado por ela é do Paraguai, perguntam-lhe, freqüentemente, se está correta a forma como fala. Isto, por exemplo, acontece, com mais freqüência, nas aulas de espanhol na graduação, em que os colegas sempre pedem ajuda a Analia, com os trabalhos de espanhol, mas, logo após perguntam a um colega qualquer que confirmem e confirmem a ajuda. Este comportamento denota um certo preconceito em relação ao espanhol do Paraguai e isto parece não ocorrer somente entre os acadêmicos, mas também com determinados professores de língua espanhola ao dizerem que muitas coisas do espanhol do Paraguai não são reconhecidas pela “Real Academia” e que as pessoas que estudaram em países hispano-falantes não são bons professores de espanhol porque aprendem apenas a falar e não a gramática. Saber uma língua, nesta concepção, equivaleria a saber a gramática de tal língua.

Assim, este relato traz à tona questões do bilingüismo marginal. Em contrapartida, se o bilingüismo fosse entre o espanhol da Espanha e o português “culto”, provavelmente, este sujeito veria suas línguas gozarem de outro patamar. Teria maior *status* e o sujeito usuário destas duas línguas, em conseqüência, seria “bem visto” e “bem vindo”. A seguir passa-se a fazer uma reflexão acerca das questões teóricas do bilingüismo.

2. Bilingüismo – Definições

De acordo com a literatura especializada, muitas são as divergências e discussões quanto à conceituação de bilingüismo. Entre elas, menciona-se o conceito mais popular que declara o sujeito bilíngüe como sendo o que tem o domínio total (oral e escrito) de duas línguas. Dentro desse escopo, Bloomfield (1935: 16) define “o bilingüismo como o controle de duas línguas equivalentes ao

controle do falante nativo destas línguas”. No entanto, esse autor não especifica o que significa “falante nativo”, e isso leva a crer, que, por exemplo, não se pode considerar como bilingüe o indivíduo que possui considerável competência numa segunda língua, mas que não possui o “sotaque” de um falante nativo. Isso, porque falar de sotaque exige que se reflita sobre as possíveis variações tanto em nível regional, quanto de escolarização, nível sócio-econômico. Exige explicitar de que “falante nativo” se está falando, de quem é o “falante nativo” de referência.

Também seria muito perigoso afirmar que um indivíduo que frequentou cursos em uma segunda língua, mas não é capaz de usá-la em situações de comunicação, é ou não bilingüe. Dessa maneira, considerar como sujeito bilingüe, aquele que se relaciona ao conceito acima, limita-se a referência apenas ao aspecto individual, sem considerarem-se as dimensões não-lingüísticas.

Sendo assim, observa-se que esse conceito está baseado apenas no critério de competência, conforme apresentado por Skutnabb-Kangas (1980): “Qual idioma a criança sabe melhor? Apesar de nós sabermos que mesmo o idioma tendo muitas palavras diferentes, a competência lingüística é apenas uma parte dele. Os poucos testes para competência administrados na Suécia quase sempre mediram apenas o vocabulário”.

Concordando com o aspecto acima, observa-se que esse conceito ignora qualquer língua do grupo minoritário. Fazendo isso, simplifica-se muito o conceito de bilingüismo, pois, nesse caso, haveria poucos contextos bilingües, porque somente um número reduzido de países é reconhecidamente bilingüe. Assim, um conceito baseado apenas em uma competência, não é suficiente para explicar um bilingüismo no qual as duas línguas têm funções determinadas e diferentes dentro de um grupo. Sendo assim, o bilingüe aplica seu bilingüismo em situação diglössica em que suas línguas se manifestam em funções diferentes, ligadas a contextos pragmático-sociais, igualmente diferentes. Menciona-se, como exemplo, o caso apresentado: Anália, em vivência no Paraguai, utilizava-se do português com a família, e do espanhol e guarani, na vida em comunidade. Ou seja, conforme se modificava o contexto, ela também utilizava a língua específica para a interação, conforme quadro abaixo:

Quadro de distribuição diglössica

LOCAIS	PORTUGUES	ESPAÑHOL	GUARANI
LAR/FAMÍLIA	X	X	
ESCOLA		X	X
IGREJA		X	
COM AMIGOS		X	X
COMÉRCIO		X	
BANCO		X	

O quadro acima espelha a realidade do uso das línguas, muito embora não apresente as finalidades. Dizendo-se de outra forma, não evidencia com que fim usa-se uma língua e não outra nos contextos sociais apresentados. Essa finalidade será recuperada via relatos de Analia.

O termo diglossia foi, originalmente, usado em 1972, era usado para se referir a variedades de uma mesma língua. Nesse caso, referia-se às relações específicas entre duas ou mais variedades da mesma língua, em uso, em uma comunidade de fala em diferentes funções. A suposta variedade era referida como alta (H) e a outra era referida como baixa (L). De acordo com Romaine (1995): “a mais importante marca está na função especializada da variedade H e da L, ligadas a um conjunto de situações em que somente uma ou outra poderia ser vista como apropriada”.

Diglossia e bilingüismo têm sido tratados paralelamente na literatura específica nestes estudos. Diglossia, contudo, não se esgota com os postulados de Ferguson, são recuperados e rediscutidos em Fishman atribuindo questões conceituais provenientes da sociolingüística.

As definições de bilingüismo, apresentadas na literatura existente, apresentam apenas propostas em termos de categorias e escala como: bilíngüe ideal versus parcial; coordenado versus composto; vertical versus horizontal; primário ou secundário. Essas definições se baseiam em fatores como proficiência, função e competência.

No entanto, Skutnabb-Kangas (1981) apresenta que nem sempre as habilidades dos bilíngües são as mesmas em duas ou mais línguas, o que se pode perceber a partir das situações de diglossia em que duas línguas do bilíngüe podem ocorrer em usos e funções diferenciados. Sendo assim, um conceito fechado de bilingüismo pode não conseguir explicar o bilingüismo, no qual, as duas línguas têm funções determinadas e diferentes dentro do grupo.

A autora de quem se vem tratando traz a seguinte definição de um falante bilíngüe:

Um falante bilíngüe é alguém capaz de se comunicar em duas (ou mais) línguas, em ambas as comunidades monolíngüe ou bilíngüe, de acordo com as exigências de competência comunicativa e cognitiva feitas por estas comunidades ou pelo próprio indivíduo (de ser falante), ao mesmo nível de falantes nativos, e que é capaz de se identificar positivamente com ambas (ou todos) os grupos de língua (e culturas) ou parte delas. (SKUTNABB-KANGAS: 1980 : 90)

Assim, segundo a autora, o bilingüismo é definido e explicado pelas diversas áreas de formas diferentes a partir de algum critério, por exemplo, psicólogos

e psicolingüistas baseiam-se no critério de origem; os lingüistas, no critério de competência das línguas; os sociolingüistas pautam-se pelos critérios de usos e atitudes; os sociólogos e psicólogos sociais, pelo critério das atitudes. Tendo estas questões em pauta, é relevante perceber-se que uma definição pode não dar conta do que é ser bilíngüe, pois, uma definição única pode não ser aplicável a todos os casos. A crítica em relação ao falante nativo é a mesma que já se fez quando foi apresentada a definição de Bloomfield, no início deste trabalho.

Skutnabb-Kangas não toma como base um critério específico, mas, leva em consideração, as singularidades dos grupos nos quais o sujeito bilíngüe precisa interagir. Dessa maneira, observa-se que o conceito, considerado pela autora, refere-se à competência, entendida como habilidade de interação lingüística com os demais membros do grupo, respeitando os papéis de cada uma das línguas, em seus usos, de acordo com as exigências dos ambientes já determinados pelo grupo.

Também, cabe mencionar que há outro aspecto, segundo a autora citada anteriormente, que deve ser levado em consideração: a identificação positiva com a língua e a cultura dos dois grupos. Nesse aspecto, Grosjean concorda com Skutnabb-Kangas, pois ambos afirmam ser necessário que o sujeito bilíngüe perceba ambas com o mesmo valor, o que não ocorre com grupos minoritários estigmatizados. Assim, a partir do conceito de bilingüismo desses autores poder-se-á discutir mais adequadamente o caso Analia, que estará dialogando na ocasião dos relatos da mesma.

Essa perspectiva, fundamentada no uso das línguas em relação à função que elas exercem em diferentes locais, exclui a noção de “bilíngüe perfeito”, pois leva em consideração o que o bilíngüe faz no seu dia-a-dia, as pessoas com quem fala, sobre o que ele e seu interlocutor conversam e quais suas intenções no ato de fala. Conforme apresenta Mello (1999 : 47):

Na realidade, o bilingüismo não é um fenômeno per se. São vários os fatores que contribuem, positiva ou negativamente, para que uma pessoa ou um grupo de pessoas se torne bilíngüe. Tais fatores, incluem, entre outros, o movimento migratório de pessoas, o sentimento nacionalista, os interesses políticos e econômicos da nação, o casamento inter-racial, a concentração geográfica, a pluralidade lingüística local, a configuração social do grupo ao qual o indivíduo pertence e a política educacional com relação aos bilíngües.

Considerando a citação acima, destaca-se, então, que o bilingüismo está associado à atitude do grupo e do indivíduo com relação às línguas envolvidas. “Se o grupo está emocionalmente ligado à língua e tem orgulho dela e de sua herança cultural, ele não medirá esforços para mantê-la e passá-la para seus filhos”.

(Grosjean: 1982, 110). A mãe de Analia, não somente pelo fato de ser brasileira, mas por nutrir o desejo de voltar a sua terra natal, cultuava o português vendo-o como “a sua língua”. Paralelamente, havia um forte sentimento de nacionalismo e, estas duas fortes razões fizeram com que oferecesse a Analia a língua portuguesa. Em contrapartida, o pai oferecia o espanhol, pois não nutria o mesmo desejo de retorno ao Brasil. Queria ver sua filha positivamente identificada com o país em que viviam, o Paraguai. A língua funcionaria, nesse caso, como um elemento forte na identificação. Dessa maneira, pode-se considerar por que Analia aprendeu a língua portuguesa em casa, na afetividade.

Dessa maneira, parte-se do pressuposto de que a língua e seu uso acham-se intimamente ligados e que a relação entre a língua e a cultura constitui uma relação socialmente construída. Nesse sentido, pode-se dizer que a relação da cultura com a aprendizagem de línguas, bem como a função da língua fundamenta-se no processo de socialização, na cultura do outro.

Assim sendo, as situações sociais de poder ou subordinação econômica podem levar um determinado grupo lingüístico a impor sua língua sobre outros com o objetivo de exercer maior poder ou prestígio. Dessa forma, considerando esse aspecto, Jung (1997: 23) apresenta a seguinte afirmação: “A cultura dominante não espera, nem encoraja particularmente seus membros a serem bilíngües. O bilingüismo é exigido apenas de suas minorias lingüísticas”.

Corroborando com a citação acima, observa-se que o uso das expressões “língua minoritária” e “língua majoritária” não possuem relação direta com o número de falantes da língua, mas com o poder, o prestígio, o *status* do grupo dominante. Ou seja, a língua desse grupo poderá ou não ser considerada majoritária. Com este tipo de divisão lingüística no cenário paraguaio, o encorajamento a que alunos se tornem bilíngües não é uma preocupação, primeiramente, porque ao chegar à escola, praticamente todos são bilíngües; e, em segundo lugar, o guarani não sendo a língua meio de instrução, não goza do mesmo *status* do espanhol que gera, potencialmente, o desequilíbrio entre estas duas línguas.

Na situação lingüística do Paraguai, e de acordo com o quadro diglótico dos usos sociais de Analia, fica evidente a preferência pelo uso da língua majoritária em detrimento das demais (guarani/português). Paralelamente, há que se destacar o fato de o país entender-se e, legalmente, ver-se como bilíngüe. Destarte, a escola contemple o espanhol, legando ao guarani o *status* de 2ª língua, em contrapartida, o português limita-se ao convívio com a família, no lar.

Dessa forma, adota-se o conceito de cultura desenvolvido por Grosjean (1981: 157), que entende cultura como: “... a maneira de vida das pessoas ou sociedade, incluindo suas regras de comportamento; seus sistemas econômicos, sociais e políticos; sua língua, suas crenças religiosas; suas leis e assim por diante”. Assim, o conceito acima, considera a questão cultural, incluindo o aspecto lingüístico, destacando o trabalho com as minorias étnico-lingüísticas.

Nesse sentido, a cultura seria considerada como fundamental para o indivíduo e seu grupo, porque seria adquirida socialmente. Ou seja, a língua seria o principal meio de transmissão da cultura aos indivíduos. Grosjean (1982: 123) apresenta ainda que:

Atitudes positivas ou negativas em relação à língua têm efeitos profundos sobre os usuários da mesma. O domínio de uma língua em situação de “contato” o que se poderia chamar de conflito, é, às vezes, determinado por quem aprende uma língua ou outra. A língua majoritária ou dominante é aprendida pelo grupo majoritário assim como pelo grupo minoritário, contudo, a língua minoritária somente é aprendida pelos membros do grupo minoritário.

Partindo do conceito citado acima, o autor estabelece uma relação fundamental entre língua e cultura, o que não corresponderia afirmar que o sujeito bilíngüe seria também bicultural, uma vez que, para ele, a língua e a cultura estão em contatos diferentes. Um indivíduo pertencente a um grupo, de minoria lingüística, pode tornar-se bilíngüe aprendendo a língua padrão na escola ou por exigência do trabalho, no entanto, se ele continuar vivendo no seu grupo, não se tornará, necessariamente, bicultural.

Ao pensar-se nesse conceito relacionando-o com Analia, nota-se que a mesma considera-se tanto bilíngüe como bicultural, pois a mesma assumiu a cultura do Paraguai, tanto quanto a língua (espanhola). Então, observa-se tanto uma situação de bilingüismo como de biculturalismo. No que tange ao caso Analia, percebe-se que, enquanto a mesma viveu no Paraguai, “ajustou”-se às duas culturas em um processo, de certa forma, “ameno”, pois, conforme relata a mãe, em depoimento abaixo, Analia assumiu as duas culturas com identidade absoluta, devido às suas relações de afetividade, valores, atitudes, vestimentas e lazer:

(...) Lá não, lá ela não teve isso. As pessoas já consideravam ela da casa, diretor. As escola que ela teve foi a família dela né. As escola que conviveu que ela estudô foi a família. Tem muitas família que não teve a convivência que ela teve nas escola dentro das escola no Paraguai. E assim era as otoridade, prefeito, tudo sabe, ela era bem vista, desde infância até hoje ainda. Hoje ela chega no Paraguai, a (Analia) nossa é coisa pra ele lá. A gente também, a familia entera, porque a gente chegô no Paraguai, os que conviveu co a gente, eles vem lá fora recebê a gente. Tamo com sodade. Agente sempre foi assim, eu fazia minhas comida brasileira e ela fazia as coisa comida do Paraguai dela e a gente trocava, repartia, sempre com amor sabe. (...)

O livre trânsito que Analia desfrutava nas relações sociais, no Paraguai, evidencia o traço, não somente de seu bilingüismo, mas reforça seu biculturalismo, em que costumes e usos de sua família brasileira lhe eram bem vistos, bem como, os costumes e os comportamentos, não somente os escolares no contexto do Paraguai, os quais não lhe causava embaraço ou algum tipo de atitude menos positiva. Faziam parte, igualmente de sua cultura, daí se pode dizer, sem receio que, Analia é bicultural.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este artigo, buscou-se refletir acerca de motivações de caráter social, cujas conseqüências são diversas: atitudes positivas ou negativas em direção às línguas minoritárias e de menor prestígio (social), os conflitos de identidade de bilíngües que vêm uma de suas línguas mais estigmatizada do que a outra ou, como, neste caso, quando o bilíngüe mantém uma identificação positiva com ambas as línguas de seu repertório. Como se pôde discutir, neste trabalho, através de Anália, é que as línguas do bilíngüe vivem uma distribuição diglósica considerando os usos e as funções de cada uma e que, nem sempre, são iguais e distribuídas igualmente. Em termos de uso, uma pode destacar-se mais para uma finalidade sem, contudo, deixar de ter, para este sujeito, a mesma relevância. Todavia, a língua pode constituir-se como elemento de identificação com um grupo social mais fortemente do que ao outro grupo, onde a outra língua do bilíngüe é praticada.

Discutir bilingüismo transcende a questão da territorialidade, não há uma fronteira estanque em termos geo-políticos. Há uma dinâmica própria, particular e crucial para o sujeito quando exposto a relações sociais e lingüísticas com monolíngües.

Finalmente, com este trabalho, buscamos provocar os leitores a redescobrirem, em seus espaços sociais, a relevância da temática e suas implicações em momentos de escolarização. O sentimento provocado pode gerar conflitos, silenciamentos, bem como se pode olhar a escola não como um lugar de crescimento intelectual, mas como mais um instrumento de alienação e de marginalização dos diferentes, pois o bilíngüe é um diferente nas escolas que primam pelo homogêneo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLOMMFIELD, L. **Language**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1979.

GROSJEAN, F. **Life with two languages: an introduction to bilingualism**. Cambridge, Mass: Harvard University Press, 1982.

JUNG, N. M. **Eventos de letramento em uma escola multisseriada de uma comunidade bilingüe** (alemão/português). Campinas, 1997. 147 f. Dissertação (Mestrado em Lingüística Aplicada); Universidade Estadual de Campinas; 1997.

MELLO, H. A. B. **O falar bilingüe**. Goiânia: UFG, 1999.

PEREIRA, M. C. **Naquela comunidade rural, adultos falam “alemão” e “brasileiro”. Na escola as crianças aprendem o português: um estudo continuum oral/escrito em crianças de uma classe bisseriada**. Campinas, 1999. Tese(Doutorado em Lingüística Aplicada), Universidade Estadual de Campinas; 1999.

ROMAINE. **Bilingualism**. 2. ed. [S.l.]: Blackwell Publishers, 1995.

SKUTNABB-KANGAS, T. **Bilingualism or not: the educations of minorities**. Clevedon: Multilingual Matters, [19_].

Data do recebimento: 03/09/2003

Data do aceite: 25/11/2003